
*Novos Processos de Formação de Jogadores de Futebol e o fenômeno das “escolinhas”:
uma análise crítica do possível*

◀ Carlos Alberto Máximo Pimenta*

“(...). É hoje incontestável que, se desejamos compreender o Brasil, é preciso passar também pelos seus campos de futebol. É preciso compreender os modos pelos quais nos organizamos e nos representamos através do futebol” (Guedes, 1998: p. 15).

Da Investigação: a problemática em questão

No Brasil o futebol adentrou na rota dos “tempos privados”, das negociações e do marketing esportivo.¹ O negócio futebol, pouco a pouco, vem impondo novos procedimentos à formação de atletas, à relação contratual entre atleta e clube (Helal, 1997), às condutas dos torcedores nos estádios (Pimenta, 1999: pp. 131-145), ao gerenciamento das entidades esportivas (Lois & Carvalho, 1998), enfim, o futebol entra no rol das empresas privadas com a intenção de aferir lucros.

Na esteira dessas discussões proponho analisar uma delas: o fenômeno “escolinhas de futebol”. No texto, entendo “escolinhas de futebol” como sendo entidades privadas que passam a ensinar jovens à prática do futebol, mediante contra-prestação econômica, devidamente alinhadas às pretensões mercadológicas do futebol-empresa-lucro.

Aqui se pretende compreender as conseqüências dessa modalidade de iniciação, sob a ótica das Ciências Sociais,² no tocante ao processo de formação do futuro atleta de futebol, bem como demonstrar que o surgimento das “escolinhas”

* Professor de Sociologia e de Antropologia na Universidade de Taubaté, doutorando em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

tem relação direta com os empreendimentos traçados pelas políticas desportivas gerenciadas na estrutura da Instituição.³

O mundo do futebol, embora aparente ser uma instituição apartada da realidade, é agregado e influenciado por um amálgama de idéias, valores, ambições, frustrações, tabus, regras, normas, sublimações, memórias, entre outras, que motivam e envolvem projetos individuais e coletivos à sua própria dimensão e potencialidade. E, por ser aparentemente apartado da realidade social, funciona como catalisador de quantidade considerável de massa jovem independentemente de classe social afinado com os sonhos e as ilusões produzidas pelos benefícios da fama, sucesso e status do jogador bem sucedido no futebol profissional.

O objetivo aqui permeado, portanto, é o de mostrar que o processo de modernização em jogo traduz-se em novas relações de subjetividades e de violências, como ocorre atualmente —a grosso modo— no projeto de construção do desenvolvimento da América Latina, em especial no caso brasileiro,⁴ no sentido econômico e político (Democracia Neoliberal).

As “escolinhas” fomentam o surgimento de novos mecanismos de produção de subjetividades e de violência, cujo alcance atinge aspectos de ordem psicológica, sócio-cultural, econômica, etc. Simoni Lahud Guedes (1998: pp. 117-136), ao indagar a construção do “campo” masculino nas “escolinhas de futebol”, mostra com clareza como se constroem, através do simbólico e do cultural, os domínios sociais do corpo masculino.

A indicação de que as pretensões mercadológicas fomentam violências subjetivas é resultado de investigação científica,⁵ em fase preliminar. Os resultados, embora incipientes, foram extraídos de pesquisa de campo e embasados em duas fontes: (a)- entrevistas abertas e questionários e (b)- análise de filmes cinematográficos. No primeiro momento, contataram, aproximadamente, 150 (cento e cinquenta) garotos com idades de 14 a 16 anos, de uma escolinha de futebol sediada na cidade de Taubaté, Estado de São Paulo, franquia do São Paulo Futebol Clube,⁶ entrevistando-se dois jovens e aplicando-se questionário aos demais iniciantes. No segundo momento, fez-se uma observação sistematizada, porém simples, dos filmes “Boleiros” (Giorgetti: 1998),⁷ centrado no capítulo sobre as “escolinhas de futebol” e “Futebol” (Fontes & Salles: 1998),⁸ sob o primeiro programa da série.

Nas entrevistas buscou-se medir, através da memória e do discurso dos jovens iniciantes, o grau de relação entre iniciante-futebol e atleta-expectativas de futuro. Buscou-se, ainda, na forma de questionamento e em caráter referencial, apenas, mapear o perfil sócio-econômico dos alunos filiados as “escolinhas”.

No cruzamento das entrevistas-questionamentos com os filmes *Boleiros* e *futebol* ficou patente, nunca é demais ressaltar, a força da imagem da mídia e do discurso econômico burguês na memória da juventude iniciante. O cruzamento

possibilita, também, o entendimento dos fatores sociais que motivam os desejos, os sonhos e as decepções da juventude com o futebol. O cruzamento possibilita, ainda, dar vida e sentido próprios ao objetivo aqui proposto, ou seja, mostrar que o processo de formação do futuro atleta de futebol, nos moldes da “modernidade”, produz violências subjetivas e objetivas indescritíveis tatuadas pela eternidade na memória da juventude iniciada.

Antes, porém, realiza-se rápida incursão contextual sobre a institucionalização do “jogo de bola”, no Brasil, até chegar no modelo atual. A contextualização, embora rápida, fornece elementos elucidativos de que a estruturação do *simple* *jogo de bola*, tradição inventada (Hobsbawm: 1984), ou melhor, reinventada, no caso brasileiro, por Charles Miller,⁹ caminha intrinsecamente imbricada com o discurso político-econômico-cultural dominante de determinado tempo e sociedade.

Deve-se deixar esclarecido que esse ensaio direciona-se para analisar o fenômeno mercadológico “escolinhas de futebol”, cuja natureza comercial constitui-se de empreendimento empresarial voltado à privatização do lazer, mediante contra-prestação. O modelo em destaque capitaliza o lazer, em especial dos filhos da classe média brasileira e, ao que tudo indica, o futebol poderá deixar de ser esporte popular, tendo em vista que a produção dominante de futuros profissionais de futebol vem assumindo esse formato, contrariando os demais processos de formação de atletas.¹⁰

Ficam, diante das intenções da “modernização do futebol brasileiro”, os seguintes questionamentos: Em que bases sociais as transformações estruturais no futebol brasileiro inventam as “Escolinhas”? O projeto modernizador, em curso, conseguirá modificar o perfil dos atletas profissionais, pensado por Anatol Rosenfeld, Janet Lever e Mário Filho, adequando-os às novas exigências mercadológicas? Face ao descompasso entre este projeto e a realidade social brasileira, o futebol conseguirá abandonar suas características de acontecimento de massa e popular? Por fim, até que ponto as “Escolinhas de Futebol” sustentariam o novo processo e os empreendimentos acerca deste esporte?

De tudo, sabe-se que o “jogo” está apenas no começo, uma vez que diversos fatores e conflitos de interesses entram em campo, tornando o resultado incerto, mesmo com a grande margem de previsibilidade advinda dos bastidores das relações sociais.

Daqui para frente, na expectativa de visualizar respostas plausíveis às dúvidas suscitadas, de buscar o debate sobre “esporte e sociedade” e de fazer uma análise possível para explicar os processos de violência subjetiva impulsionados à juventude, traduzidos e inscritos em sonhos, decepções, frustrações, à luz dos tempos de “capitalismo moderno”, usa-se como referência investigatória temática assuntos sobre a instituição futebol.

A “Modernização” do Futebol: contextualização histórica

Para que se possa entender a “modernização” do futebol no Brasil e suas transformações estruturais faz-se imprescindível elaborar pequeno esboço sócio-político da introdução e sua institucionalização, pois nunca é demais aclarar que o esporte não foi e não é algo invertido e destacado dos contornos de nossa vida cotidiana. Esporte, negócio, política, economia, lazer e trabalho fazem parte do mesmo universo, estando intrínsecos na dinâmica das relações institucionais vivenciadas na sociedade em que são parte.

Estando esporte e sociedade imbricados, quais são os fatores sociais que poderiam provocar mudanças estruturais à instituição, no Brasil, no decorrer do século? Implantado no final do século XIX, originário da Inglaterra, institucionaliza-se no limiar desse século com motivações gerenciadas pela lógica, racionalidade, regras e códigos ocidentais. Inicialmente, a prática do “jogo de bola” era restrita aos brancos ricos, europeus e seus filhos, sendo sua estrutura essencialmente amadora e burguesa.¹¹

O futebol trata-se, segundo Anatol Rosenfeld, de um acontecimento associado aos reflexos das ações produzidas nas revoluções francesa e industrial. Rosenfeld sintetiza as motivações que deram suporte à proliferação do futebol, no Brasil:

Só a libertação definitiva dos escravos (1888), a Proclamação da República a ela vinculada e a imigração que a seguir começou de forma poderosa, mais os inícios da indústria e o rápido desenvolvimento das cidades, sobretudo o Rio de Janeiro e São Paulo (...) criaram as condições psicossociais prévias do esporte. Seu triunfo está estreitamente ligado, também na Europa, à industrialização e ao surgimento das grandes cidades (1993: p. 76).

Desde a introdução, em 1894, até, mais ou menos, aos anos trinta, pelo amadorismo se justificava a manutenção da Instituição. Esta situação balizou a relação jogador-dirigente-clubes, o que leva ao questionamento do que obrigou objetivamente alterações substanciais em sua estrutura, a partir deste período. A reversão e a modificação substancial dos seus traçados deve-se a dois motivos: **(a)** - a profissionalização dos jogadores e **(b)** - a profissionalização da administração e dos dirigentes esportivos.

À medida que a sociedade modifica seus valores, final da década de 20 e início da década de 30, e o Estado empreende uma política industrial nacionalista, ocorre, no futebol, a transição de esporte amador à condição de profissional. Getúlio Vargas, incentivador da massificação da cultura, utiliza-se desta estratégia, também, para mostrar a construção do Estado Novo. Antunes descreve muito bem qual foi o papel do Estado Novo no gerenciamento de políticas esportivas:

A contribuição do Estado ao esporte foi assegurada pela participação da configuração do sistema administrativo dos clubes, onde o governo intervinha na parte organizacional e burocrática nas associações esportivas, e o Conselho Nacional de Desportos ditava o modelo dos estatutos que deveria ser acatado por clubes de todo o país (1994: p. 102).

Com o surgimento do jogador profissional, o capitalismo “tardio” industrial brasileiro passa a atuar nas relações sociais e o futebol penetra no cotidiano das nossas cidades. No entanto, a administração dos clubes permanece amadora nas mãos de negociantes e industriais que geravam a possibilidade do atleta habilidoso, na *arte da bola*, trabalhar numa indústria ou no comércio e receber altos salários e, acima de tudo, adquirir prestígio social.

O Brasil torna-se, em 1970, a melhor seleção de futebol do mundo e o projeto “desenvolvimentista” dos governos militares propõe, através do futebol, a execução da construção da identidade nacional brasileira. Nesse período vê-se a criação de inúmeros instrumentos para alimentar a estrutura administrativa vigente com feições amadoras, corporativistas e, fortemente, vinculados aos interesses do Estado militar. O Estado subsidiou clubes e campeonatos, construiu estádios, controlou federações, entre outras coisas.¹²

Não vem ao caso, neste texto, questionar ou medir o papel do Estado, no gerenciamento das políticas esportivas, embora se denote que o Estado e o poder econômico, indistintamente da época e de interesses, utilizaram-se do futebol. Interessa, apenas, aqui, reforçar a idéia de que a administração dos clubes e das federações utilizava-se de métodos, indiscutivelmente, amadores e não assumiam a característica de empresa ou de entidade privada com fins lucrativos, nos moldes atuais.

A partir do início e meados dos anos oitenta, o futebol brasileiro sofre modificações gradativas e substanciais em função da crise vivida¹³ e da necessidade emergencial desta superação que se leva à profissionalização generalizada. A “modernização”¹⁴ é de cunho, exclusivamente, mercadológico adequado às sociedades privadas de nossos tempos.

Em outras palavras, o “avanço tecnológico” e “político” brasileiro, declinados por muitos otimistas de plantão, colocam em outros traçados o compromisso do Estado nacional, modificando o comportamento das relações políticas, culturais e sócio-econômicas. Então, a partir dos anos oitenta, podem-se observar novas frentes de empreendimentos, investimentos e visões aos eventos esportivos, aos clubes e às entidades que suportam o futebol profissional.

Nunca é de menos ressaltar que o futebol-emprego remete aos clubes o passaporte para a realização de grandes negócios. Assim, a nomenclatura *dirigente esportivo*, hoje, é imprópria, pois este se constitui em uma nova modalidade de empresário-administrador, o que torna obsoleto o modelo *Estado-Futebol*¹⁵

e, em conseqüência, o jogo-jogador-clube-torcedor se transforma verdadeiramente em objeto de mercado.

Por outra via de argumentação, face ausência financiadora do Estado, como aconteceu durante os governos militares (1964 a 1985), ocorre o esvaziamento do lazer popular. O futebol obriga-se a se inscrever na rota dos empreendimentos capitalistas e a sofrer modificações drásticas tanto quanto ao jogo como quanto aos torcedores, aos clubes e, sobretudo, ao processo de formação dos atletas.¹⁶ Roberto Ramos entende que no futebol: “a vitória e os campeonatos significam lucros. É um grande mercado, que produz e vende espetáculos (...). Contém um enfoque mercantilista” (1984: p. 111).

Nota-se, iniciada a profissionalização, que o formato da Instituição vem se modificando. O *modelo anterior*, direcionado pelo Estado Militar dá lugar ao *modelo atual*, inspirado nas leis do mercado e dos negócios privados. Portanto, o projeto de transformação da estrutura do futebol brasileiro pode ser pensado como reflexo das mudanças no eixo *político* —transição do regime militar ao regime democrático— e *econômico* —da passagem do Estado centralizador ao Estado privado, mínimo—.

Os acontecimentos decisivos e legais que criaram as condições às mudanças na estrutura administrativa do futebol, no sentido histórico e aos marcos que deram início as modificações pensadas, são calcados nos seguintes fatos:

a.) O caso do “Clube dos 13” - A Confederação Brasileira de Futebol, seguindo a tradição autoritária imposta pelos governos militares, em 1987 ignorou o regulamento do campeonato nacional e modificou as regras com a competição em andamento, favorecendo alguns clubes por interesses políticos. Nasce, como oposição aos desmandos da administração da CBF, o movimento *União dos Grandes Clubes Brasileiros*, o chamado *Clube dos 13*, composto pelo São Paulo, Palmeiras, Santos, Corinthians, Flamengo, Fluminense, Vasco, Botafogo, Cruzeiro, Atlético, Grêmio, Internacional e Bahia.

Importante ressaltar que o *Clube dos 13* trouxe, além do questionamento a postura autoritária da CBF, rompimento inicial e tímido com a estrutura *paterna-lista* sustentada no Regime Militar, abrindo espaço ao marketing esportivo e, principalmente, à privatização da administração dos clubes. Os clubes passam a buscar, segundo Lois & Carvalho:

as mais variadas fontes e recursos que possam levá-los a alcançar seus objetivos. A essa busca de recursos, de novos conhecimentos em áreas, como mercadologia, recursos humanos, finanças, etc., que proporcionam o desenvolvimento do esporte, denomina-se marketing esportivo (1998: p. 11).

b.) A “Lei Zico” / Lei nº 8.672/93 - O projeto de Lei interposto por Zico, então Secretário de Esportes do Governo de Fernando Collor de Mello, em 1990, ao

Congresso Nacional, promovia repercussões radicais na organização do futebol, como por exemplo: (1) o fim do escravismo na relação clube/jogador, dando aos jogadores mais autonomia e liberdade no término dos contratos firmados; (2) o rompimento com o modelo intervencionista do Estado às Confederações, às Federações e aos Clubes; (3) o surgimento do clube-empresa; e, (4) as modificações no sistema eleitoral da CBF e a liberdade de filiação. Sabe-se que por força política da CBF e dos Clubes ocorreu, apenas, a valorização do *marketing esportivo* e o surgimento, tímido, do *clube-empresa*.

c.) A “Lei Pelé” ou “Lei do Passe” - No primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso, o Ministério Extraordinário dos Esportes, comandado por Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, retomou as discussões originadas pelo projeto de Lei impulsionado por Zico, institucionalizando a extinção do passe, ou seja, o fim do vínculo eterno entre jogador e clube.

d.) O Projeto “Morumbi 2001” - O projeto “*Morumbi 2001*”, a mais audaciosa indicação, no visor empresarial, de que o futebol deve ser um negócio. Em síntese, o estádio está sendo reformado (não é certeza que as intenções do projeto se concretizem) para ter alto padrão de prestação de serviços às pessoas que se aventurarem a assistir a uma partida de futebol e o estádio tem previsão de ar condicionado, acento numerado para todos os espectadores, entradas pagas com cartão eletrônico, vendas de produtos esportivos e outros serviços, um verdadeiro *Shopping*.

Com esses argumentos pode-se grafar que o Futebol se predispõe a ser utilizado pelo poder econômico e atuar como forte instrumento de propaganda do capital entre as massas. A decantada “modernização” obriga drásticas modificações no comportamento dos clubes e no esporte, de maneira geral, tanto no sentido de sobrevivência quanto no fortalecimento do capitalismo vigente. Há, sem sombras de dúvidas, fortes tendências na formação de uma organização empresarial, em torno do futebol, que resultará, cada vez mais, em investimentos maciços na mídia e pela mídia. Luís Fernando Pozzi discorre que:

Nosso mercado esportivo ainda é extremamente concentrado no futebol, com 70% a 75% dos investimentos na mídia esportiva (...), o que equivale a valores anuais em torno de US\$ 500 milhões. Se considerarmos as outras fontes de receita, o futebol movimenta cerca de US\$ 2 bilhões/ano (1999: p. 61).

Como pode ser observado, o mercado e a mídia fazem do futebol um acontecimento lucrativo. Simultaneamente, os clubes passam a realizar parcerias com empresas privadas e surgem as sociedades anônimas, os direitos de arena, as propagandas, os “jogos de azar”, a lei “Zico”, a lei “Pelé”, o projeto “Morumbi 2001”, as “escolinhas de futebol”, enfim, um rol de fatores que reforçam a máxima: o futebol está para a sociedade assim como a sociedade está para o futebol.

Para Ronaldo Helal, mesmo com toda essa transição de modelo, o *negócio futebol* deve:

(...) ir em frente, significando, em última instância, que a modernidade é uma rua de mão única. O segredo do sucesso está em promover a ‘modernização’ administrativa e preservar certos elementos ‘tradicionais’ do espetáculo futebolístico, com a presença de ídolos e o estilo ‘romântico’ de jogo (1994: p. 70).

Em que pese às pretensões de Helal, aos poucos o negócio futebol promove a elitização do espetáculo, do espectador e do jogador. Nesse traçado, o moderno intensifica as substituições necessárias entre esporte popular para atividade restrita às pessoas com bom poder aquisitivo. Em um dos diálogos realizados entre os personagens do filme “Boleiros”, de Ugo Giorgetti, indica-se tal assertiva:

Ex-jogador: “Ary, vamos falar claro: ‘não é se a gente ta ou não nadando em dinheiro, a gente ta é na merda!’”

Treinador profissional: “É, eu vou te contar: ‘Em geral ou você continua no futebol ou você não faz mais nada. Essa é que é a verdade ou você fica no futebol ou fica coçando’.”

Juiz: “Mas até que está melhorando, você pode virar jornalista que nem o Mário Sérgio,¹⁷ tem também as escolinhas de futebol’.”

Treinador da “escolinha”: “Não fala em ‘escolinhas de futebol’, juiz! Não fale em ‘escolinha’ ... porra! Esses moleques vão treinar de carro e acompanhado da mãe. O que é que é? Miss!”

Ao fazer a relação entre a modernização do futebol em nosso país e o objeto de análise desse texto (os jovens “estudantes” das “escolinhas”), aponta-se que no futuro próximo, pelo instrumento da dedução, o perfil dos futuros atletas profissionais de futebol será de origem das classes médias e altas.¹⁸ Em *pesquisa piloto*¹⁹ realizada constatou-se que 78% dos iniciantes são de classe média e seus pais ganham de US\$ 1800 a US\$ 5000, residem em casa própria e advém de centros urbanos não periféricos da cidade.²⁰ Nesse ponto, contraponho aos trabalhos de Mário Filho (1964), Anatol Rosenfeld (1993) e Janet Lever (1983) que muito bem souberam perceber no futebol um forte canal de ascensão social de negros mestiços e pobres, mostra-se que o futebol não mais parece ser um veículo eficaz de mobilidade social. É o que tentarei demonstrar a partir de agora.

Novos Processos de Formação: As “Escolinhas de futebol” como exemplo

O fenômeno “escolinhas de futebol” começa seus primeiros passos em princípio e meados dos anos oitenta, fruto das profundas transformações de cunho *econômico* (o processo de construção dos centros urbanos, impulsionado e refletido pela industrialização), *político* (encaminhamento organizacional ao setor pri-

vado de políticas públicas de lazer) e *cultural* (massificação do lazer e do tempo livre por empreendimentos mercadológicos).

As “escolinhas” só poderiam surgir diante desses caminhos trilhados pela sociedade brasileira que, seguramente, influenciaram modificações no âmbito da cultura. Conseqüentemente, o futebol, um lazer popular, tende a ser apropriado pela lógica econômica: o fim dos campos de várzea,²¹ os novos processos de formação dos futuros atletas e a institucionalização do clube-empresa.

Poderia se dizer que a origem dos iniciantes ao “jogo de bola” surgia das pedradas nas ruas da periferia e das praias, dos campos de várzea e das peneiras²² e os clubes, por sua vez tinham (e ainda têm) sistema de seleção de jogadores para as categorias de base, em formato de peneiras. A narrativa de trecho do filme “Futebol” mostra bem esse sistema:

(...) o garoto tem, em média meia hora para mostrar sua habilidade nas peneiras. (...) O mineiro já examinou mais de 700 meninos e o índice de aproveitamento é igual aos anos anteriores, de cada 1000 garotos só 2 ou 3 são aproveitados.

O jogador de futebol profissional advinha realmente da periferia, dos campos de várzea, das ruas e praias para os clubes. Advinham, posteriormente, também, das equipes de futebol de salão. Inclusive, no visor de investigadores estrangeiros encontra-se o registro de que o jogador brasileiro ainda tem essa origem. Entretanto, atualmente essas afirmações são incorretas, ou no mínimo, merecedoras de reparos, pois com o processo avassalador da urbanização e a organização empresarial em torno do futebol, gradativamente vêm-se inviabilizando “os jogos de bola” improvisados e descontraídos. Aos poucos, o interessado que quiser praticar futebol, compromissado ou não, tem que estar associado a algum clube ou outra pessoa jurídica disciplinadora da formação de futuros atletas.

Hoje, no processo de formação de futuros atletas, pode-se apontar que as denominadas “escolinhas” caracterizam-se em modelo a ser seguido e postulado como modalidade de novas frentes de trabalho (ex-jogadores, professores de educação física, administradores etc.), de reposição de mão de obra à prática do futebol, de ocupação do tempo livre juvenil, entre outras frentes. Faz-se razoável apontar, ainda, que as “escolinhas” surjam em face das complexidades oriundas da realidade social, a partir das condições promovidas pelo “desenvolvimento” industrial e tecnológico condutor de urbanização desarticulada e desorganizada.

De outro modo, tanto o modelo a ser seguido e postulado quanto à limitação dos espaços urbanos à prática livre do futebol (cada vez mais restritos aos condomínios e as propriedades privadas), formam o rol de alguns fatores que impulsionam o surgimento das “escolinhas”.

Portanto, as “escolinhas” nascem porque ocorre: (a)- a diminuição dos espaços, tendo em vista o crescimento populacional vertiginoso dos centros urbanos e em consequência da ocupação territorial; (b)- o futebol e seus agentes passam a incorporar o espírito empresarial e apostam na perspectiva de realização de grandes negócios; (c)- a privatização das políticas públicas de lazer; (d)- a preocupação da classe média com o preenchimento do tempo livre de seus filhos; (e)- a valorização da prática do futebol e, (f)- a formação, distribuição e reposição de mão de obra à manutenção do esporte.

Antes de avançar, pretende-se consignar que as “escolinhas” não são as únicas e exclusivas alternativas à iniciação dos jovens interessados à prática do futebol. Como descrito, anteriormente, há outros métodos de formação de futuros jogadores. No entanto, o que se quer, aqui, demonstrar é que diante dos fatores abordados no texto as “escolinhas” serão, em breve, no caso do Brasil, as maiores fornecedoras da mercadoria cada vez mais rara: o jogador bom de bola.

Na tentativa de ser Jogador: sonhos e decepções

De forma direta, entende-se que o futebol postula ser “rotulado” como um instrumento de fortalecimento das relações capitalistas,²³ criando em sua volta uma indústria: *a indústria do futebol* vai desde a difusão de “escolinhas” até as sociedades anônimas.

Se for correto afirmar que o futebol assume uma das frentes do fortalecimento das relações capitalistas, as “escolinhas” (enquanto local de ensino à prática de “jogar bola com os pés”, mediante contra-prestação econômica) funcionam como veículo de propaganda dos símbolos e dos códigos do capital moderno, ou seja, dinheiro, poder, fama, badalações, competição individualizada, alienação (do ponto de vista da consciência social e da crítica) e esvaziamento do sujeito coletivo. A fala no filme “Futebol” de Vinicius, menino que fez viagem de 800 km para fazer peneira no Clube de Regatas Flamengo (Rio de Janeiro), reporta o quando o futebol é um sonho e substitui as demais instituições de formação do sujeito social:

Por futebol eu faço sacrifício (...). É um sonho! Qualquer garoto quer ser jogador de futebol. Aqui no Brasil, desde pequeno, você já tem futebol na cabeça... Brasil treta campeão! E eu acho que é a profissão que todo mundo quer ter (sic).

Agora, afastando-se da análise sobre as transformações na sociedade e das condições que viabilizaram modificações no processo de formação do jogador profissional, bem como da estrutura do futebol brasileiro, adentra-se para desvendar o porquê desse processo deixar de ser prazeroso, saudável e lúdico, passando a ser atividade frustradora e decepcionante. Portanto, em quais construções sub-

jetivas está calcada a relação “jogo-negócio” para se inscreverem no corpo e na vida social do iniciante sonhos e desilusões com o futebol? Os atrativos do econômico, a mídia e as expectativas de mobilidade social amoldam os sonhos dos iniciantes e iniciados. As desilusões, ou seja, a constatação do fim do sonho, inscrevem-se para o resto da sociabilidade do jovem, no corpo e na vida social, deixando as marcas do insucesso, da baixa estima e da dependência. O depoimento de desespero de Jeosmar, um dentre milhares de jovens que tentam o sonho de ser jogador de futebol profissional, gravado no filme “Futebol”, da GNT, contrasta a busca, o insucesso e a expectativa de realização de seu sonho e aponta para a resposta da questão formulada:

(...). No ano 2000 eu vô ta bem, vô ta de bem com a vida, vô ta jogando, vô ta de carro, vô ta de celular, vô ta de menina bonita do meu lado (...). E vocês estão convidados por que eu vou fazer um churrasco lá em casa no ano 2000. Tudo mundo vai ta lá! Promessa é dívida. Eu to prometendo e eu vou cumprir (sic).

Para a multidão de jovens iniciantes, o futebol é um grande sonho, antes de ser um esporte ou uma arte. O sonho de ser Ronaldo, Rivaldo, Romário, etc., passa o discurso e o imaginário de todos os jovens entrevistados na pesquisa piloto, indistintamente da origem social. 99% dos jovens questionados quando assistem a uma partida de futebol pela TV sonham, um dia, ser um jogador famoso como Ronaldo, Rivaldo ou Romário. Na mesma proporção (99%), os jovens deixariam tudo de lado para obter sucesso na carreira. O contraste entre o desejo e a realidade é infinitamente grande e desproporcional. De cada 1000 jovens interessados somente 2 ou 3 chegam a iniciar e desses iniciantes somente 3% concretizam o grande sonho: ser jogador de futebol famoso.

As entrevistas realizadas confirmam que o jovem iniciante tem esperança e expectativa de se transformar em jogador de fama e prestígio, bem como deixaria escola, família, emprego, etc. para alcançar seu sonho:

(...). Na realização do meu sonho eu deixei de estudar e eu só penso em futebol. É futebol todos os dias cedo, tarde e noite e eu não consigo pensar em mais nada na vida. Pelo futebol eu faço qualquer coisa e qualquer sacrifício²⁴ (sic).

Na mesma esteira de argumentação Fabrício, personagem real do filme “Futebol” da GNT, deixa claro por quais motivos persegue o sonho (seu e de muitos jovens brasileiros) de ser jogador de futebol:

Quando vi os jogadores jogando, os jogadores nê: famosos! Jogadores famosos que estão ai na seleção. Sonhei... até sonhei. A gente imagina fazer as jogadas no sonho. A comemoração, os repórteres correndo, fotografando, a galera cantando o nome: **F A B R Í C I O**. As garotas dando em cima. Isso tudo passa na cabeça da gente. Saindo nas frentes dos jornais, na televisão dan-

do entrevista como jogador. Meu grande sonho é ser um grande jogador de futebol (sic).

O depoimento do empresário carioca Zé Mauro sobre os jovens Edmilson e Jeosmar, no filme *Futebol*, mostra o quanto os iniciantes são iludidos com a perspectiva de serem colocados num grande clube ou de realizar contratos milionários:

(...) são dois jogadores que eu pretende ganhar muito dinheiro com eles. Um jogador de 15-16 anos de excelente nível técnico ele vale hoje US\$ 500 mil dólares para frente. Uma tacada grande você ganha, assim, 5 milhões, 2 milhões, 3 milhões; de repente acontece. (sic)

As frustrações são grandes. Primeiro pela ocorrência de imprevistos. Segundo, por ser a competição muito concorrida. Terceiro, por que a “venda” das esperanças são maiores do que as possibilidades.

Os obstáculos são muitos. Os jogadores dependem da *sorte* (do treinador gostar do estilo de jogo do iniciante, de ter um empresário de prestígio, de ter apadrinhamento no clube, como exemplos), de *azar* (estar num momento infeliz, não sofrer lesões de natureza grave que inviabilize a carreira, entre outros), de *subordinação* (bom menino, boa imagem, humilde, obediência, etc.) e de *perseverança* (não se pode desistir nas primeiras negativas de teste para iniciação), como elementos mínimos ao sucesso.

Os processos seletivos para escolha de jovens que procuram os clubes para realização de testes são muito concorridos e desgastantes. Num período de peneira, em um clube de renome (o exemplo do filme *Futebol* foi o Clube de Regatas Flamengo, do Rio de Janeiro), como ficou consignado, anteriormente, chega a haver quase 1000 jovens candidatos, por vez. Sabe-se que os escolhidos ficam em torno de 1 ou 2 selecionados e, as vezes, nenhuma escolha. A frustração é marcante.

A mídia, os treinadores, os empresários, os dirigentes, enfim, os agentes esportivos funcionam, consciente e inconscientemente, como vendedores de sonhos aos jovens. Por sua vez, a juventude acrítica, esvaziada da sua capacidade de ser sujeito social,²⁵ incorpora a esperança de satisfazer um sonho: ser jogador de futebol famoso e bem sucedido. As possibilidades são mínimas e frustrante. Para Ricardo Melani a máxima de que o futebol é um grande instrumento de “mobilidade social” não é verdadeira:

(...). O modelo de exclusão é claro: No Brasil, por exemplo, apenas 3% total de jogadores profissionais de futebol têm contratos acima de dez salários mínimos; mais de 70% dos jogadores recebem até dois salários (...). A vida glamourosa e milionária do jogador profissional divulgada pela mídia não passa de aparência. Apenas 3% vivem no mundo de Romário, Marcelino Carioca, Ronaldinho e Companhia. (1999: p. 88)

O futebol, na esmagadora maioria das vezes, indica ser mais um (parece ser sensato permear por essa afirmativa) objeto de sonhos, desilusões e frustrações, do que um veículo importante de mobilidade social. Contudo, não se nega que muitos jovens de origem pobre (são os casos dos jogadores famosos citados) chegaram a fama, usufruindo-se de benefícios dos altos salários.

Ultrapassado os elementos subjetivos que estruturam a relação “jogo-negócio”, insiro a temática das “escolinhas” como sendo um elemento complicador para a satisfação dos desejos da juventude em ser jogador de futebol e famoso. A inserção é indicada (do ponto de vista do aumento das dificuldades de satisfação dos sonhos) pela via da exclusão econômica. Embora a possibilidade só se faça totalmente plausível e segura desde que o modelo “escolinha” passe a ser a principal fonte fornecedora de mão de obra às equipes, não se pode duvidar que, diante das transformações da estrutura e de empreendimentos capitalísticos em torno da instituição, quem não tiver capacidade econômica de “*estudar na escola para aprender a jogar bola*” ficará fora e se não ficar de fora, no mínimo, terá muitas dificuldades de acesso ao processo de iniciação nos clubes de futebol profissional.

No Brasil, ainda hoje, vende-se a imagem de que o futebol é excelente canal de mobilidade social às pessoas de baixo poder aquisitivo (negros, mestiços e pobres). As obras de Mário Filho (1964) e Janet Lever (1983), em tempos diferentes, têm o mesmo fio condutor, ou seja, defendem a idéia de que o futebol configura-se como instrumento de mobilidade social. Não deixa de ser um instrumento de mobilidade social. Todavia é muito mais um instrumento de frustração, de desilusão e de sonhos do que de acesso às esperanças construídas diante da expectativa de ser um jogador de futebol famoso.

Contrário às visões de Mário Filho e Janet Lever, acrescido a problemática das chamadas “escolinhas de futebol” que indicam novo perfil ao atleta profissional de futebol, pode-se intuir que os futuros jogadores poderão não mais advir das classes populares, mas sim advir das classes sociais com maior capacidade de suportar os dispêndios da ocupação espacial, temporal e econômica à formação de seus filhos.²⁶

Walter Gama,²⁷ ao pesquisar um grupo de 230 jogadores da divisão de elite do futebol paulista, na atualidade, chegou a conclusão que:

(...). Só 10% dos atletas saem dos campos da várzea, pois a maioria é formada nas escolinhas dos clubes. A família é a principal influência na escolha profissional de 61,30% dos entrevistados. (...) os pobres estão sendo cada dia mais alijados do futebol. A classe média passou a enxergar o futebol como um meio de vida para seus filhos, investindo em ‘escolinhas’ de futebol como quem investe em uma escola de língua. (...) Além disso o futebol moderno exige atletas com base alimentar mais sólida na sua infância, mais acessível à classe média.

Não se pode negar que as “Escolinhas de Futebol” fomentam o surgimento de mais um mecanismo de produção de subjetividade e de violência no processo de formação do futuro atleta profissional e do iniciante, de ordem psicológica, sócio-cultural, econômica, etc., contribuindo a mídia para reforçar as projeções, sonhos e ilusões no imaginário dos jovens que querem, a qualquer custo, ser Romários, Ronaldos, Rivaldos, entre outros milionários famosos.

Conclusão

O processo de formação dos futuros atletas profissionais de futebol, compreendendo nosso tempo e espaço sociais, promove novos formatos de violências, em face da modernização da sociedade e do futebol brasileiro que se alinharam aos interesses mercadológicos da privatização e da empresa/lucro, respectivamente, produzindo, aos olhos e aos sonhos dos iniciantes, a negação da possibilidade do futebol ser, inquestionavelmente, um instrumento de mobilidade social.

Em nenhum instante escamoteou-se que a caminhada para ser jogador de futebol profissional no Brasil é difícil e repleta de entraves. Inclusive, não se negou que, embora difícil à profissionalização, havia mobilidade social às classes populares,²⁸ mesmo de forma tímida. A mobilidade social ao que se indica era e é fechada. Talvez, quem sabe, as “escolinhas de futebol”, se consolidado como modelo indispensável à reposição e à venda da mão de obra do “jogo” funcionaram como um complicador aos sonhos dos jovens iniciantes, pela via do econômico. Por sua vez, a origem do jogador brasileiro poderá sofrer modificações se os futuros craques forem oriundos de “escolinhas”, pois aprendizado passa, necessariamente, pela capacidade econômica do iniciante.

A mobilidade social ao que se indica era e é fechada. Talvez, quem sabe, as “escolinhas de futebol”, se consolidado como modelo indispensável à reposição e à venda da mão de obra do “jogo” funcionaram como um complicador aos sonhos dos jovens iniciantes, pela via do econômico. Por sua vez, a origem do jogador brasileiro poderá sofrer modificações se os futuros craques forem oriundos de “escolinhas”, pois aprendizado passa, necessariamente, pela capacidade econômica do iniciante.

O fenômeno “escolinhas”, com as características aqui apresentadas, mostra-se como um grande negócio. Roberto Rivelino, ex-jogador tricampeão mundial pela Seleção brasileira de 1970, tem uma das mais renomadas “escolinhas”, possuindo mais de oitocentos alunos, entre meninos e meninas. As cotas mensais giram em torno de US\$ 50,00.-²⁹ por aluno.

Outros exemplos mais atualizados são as “escolinhas” de franquia com grandes clubes. Os clubes ganham determinado percentual na renda mensal de suas

representantes e se comprometem a acolher os iniciantes que despontam nas “escolinhas”. Por exemplo, a franquia do São Paulo Futebol Clube, sediada em Taubaté, tem aproximadamente 400 alunos, entre meninos e meninas, que pagam, individualmente, em média, US\$ 45,00.- mensais para aprenderem a jogar futebol ou para eliminar barreiras dos testes de admissão ao futebol profissional.³⁰

A violência à juventude indicada no texto resume-se no *futebol-negócio*, promotor, consciente ou não, da elitização do processo de iniciação e, nesse traçado, o “moderno” intensifica as substituições necessárias e diga-se de passagem que a “modernização” se encontra adaptada aos novos padrões impostos à sociedade brasileira. O futebol nada mais está fazendo do que aderir às regras de mercado, adentrando no esquema empresarial e cuidando a mídia de incorporá-lo, bem como mantê-lo, no imaginário da massa, enquanto atividade popular.

Em se tratando da profissionalização administrativa aqui pensada, surge a possibilidade da indicação de que o futebol atual produz violência subjetiva quando impõe à juventude o desejo, apenas, de tomar assento num mundo de sonhos e de excitações disponível somente à minoria.

Por outra via explicativa, a relação entre o futebol e o Poder Econômico não significa mostrar quantas cumplicidades existem entre esse processo e a formação do atleta, mas significa sim, a afirmação de que a Instituição Futebol compreende o seu momento geográfico, temporal, político e econômico e, sem sombra de dúvidas o cerceamento econômico da prática do lazer popular com o surgimento das “Escolinhas” pode ser explicável diante da decantada “modernização”.

Diante das “modernizações” propostas ao futebol e à sociedade brasileira fica a indicação de algumas possibilidades de indagações:

(a) - O futebol **não foi** (aos olhos dos saudosistas), **não é** (aos olhos dos críticos) e **nem será** (aos olhos dos otimistas) uma atividade exclusivamente lúdica e ingênua. No Brasil a Instituição Futebol, assim como a história da construção do Estado brasileiro, sofre influência dos ventos políticos, econômicos e sócio-culturais projetados pelo pensamento dominante, obrigando-se a se enquadrar ao momento ditado pelo discurso da ordem vigente (Helal, 1997; Lever, 1982; Pimenta, 1997: pp. 46-52; Ramos, 1984; Santos, 1981).

(b) – As “escolinhas”, na contra-ordem da arte de jogar futebol (Rosenfeld, 1993), colocam em risco a malandragem e a alegria do estilo brasileiro de jogar futebol, face aos movimentos empresariais e aos investimentos/retornos na formação do atleta, cuja preocupação é o resultado: lucro.

(c) - A violência subjetiva aflora no movimento de adequação futebol-formação-negócio e na configuração dos instrumentos de formação dos futuros atletas, exigindo-lhes condições econômicas para suportar os custos de sua formação profissional, cerceando a participação daqueles sem esta condição.

(d) – O não cerceamento do acesso popular ao “jogo de bola”, pela improvável não adequação do esporte ao mencionado projeto “modernizador”, poderá amenizar a extinção das práticas tradicionais de formação de atletas profissionais ou não inibir o viés empresarial em curso.

Ultrapassado as indagações, cabe reconhecer que os apontamentos e as análises contidas nesse artigo não são determinantes ou definitivas, mas são, sim, possibilidades latentes que, através do estudo sobre futebol e seus reflexos nos jogos de relações sociais, abre-se uma gama de argumentos para desvendarmos as facetas históricas, sócio-culturais, econômicas, políticas, etc. de nossa sociedade.

Bibliografía

- Antunes, Fátima Martin Rodrigues Ferreira 1994 “O Futebol nas Fábricas”, em *Dossiê Futebol* (São Paulo), nº 22.
- Arce, Gustavo (S/D *El fútbol: mucho más que una pasión, para infantiles, juveniles y mayores* (Buenos Aires: Ministério de Gobierno y Justiça / Instituto Bonaerense del Deporte).
- Baudrillard, Jean 1992 *A Transparência do mal: ensaio sobre os fenômenos extremos* (Campinas: Papyrus).
- Berthaud, Ginette & Brohm, Jean-Marie 1972 *Sport, Culture et Répression* (París: Librairie François Maspero).
- Bourdieu, Pierre 1998 [1989] *O Poder Simbólico* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil).
- Caldas, Waldenyr 1994 “Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro”, em *Dossiê Futebol* (São Paulo), nº 22.
- Elias, Norbert & Dunning, Eirc 1992 *Deporte y ocio en el proceso de la civilización* (Madrid: Fondo de Cultura Económica).
- Ferrer, Antonio Wanceulen 1982 *Las Escuelas de Fútbol: organización de la función social y de los aspectos físico-técnicos* (Sevilla: Librería Esteban Lanz Mártires).
- Florenzano, José Paulo 1998 *A Rebelião no Futebol Brasileiro*. (São Paulo: MUSA).
- Foucault, Michel 1979 *Microfísica do poder* (Rio de Janeiro: Graal).
- Gramados, Santiago Romero 1997 *El fenómeno de las Escuelas Desportivas Municipales: nuevos Modelos y necesidades de cambio?* (Sevilla: Instituto de Deportes / Ayuntamiento de Sevilla).
- Guattari, Félix 1992 *Caosmose: um novo paradigma estético* (São Paulo: Ed. 34).
- Guedes, Simoni Lahud 1998 *O Brasil no Campo do Futebol: estudos Antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro* (Niterói: EDUFF).
- Diórgenes, Glória 1998 *Cartografias da Cultura e da Violência: gangues, galeras e o movimento hip hop* (São Paulo: Annablume/Secretaria da Cultura e Desporto de Fortaleza).
- Helal, Ronaldo 1994 “Estádios vazios, ausência de ídolos: reflexão sobre a crise do futebol brasileiro”, em *Revista Pesquisa de Campo* (Rio de Janeiro), nº 0.

- Helal, Ronaldo 1997 *Passes e Impasses: futebol cultura de massa no Brasil* (Petrópolis: Vozes).
- Lever, Janet 1983 *A loucura do Futebol* (Rio de Janeiro: Editora Record).
- Linaza, José & Maldonado, Antonio 1987 *Los juegos y Deporte en el desarrollo psicológico del niño* (Barcelona: Anthropos).
- Lois & Carvalho 1998 *A Co-gestão Esportiva no Futebol: o caso juventude-parmalat* (Passo Fundo: Ediupf).
- Filho, Mário 1964 *O negro no futebol brasileiro* (Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira).
- Mazzoni, Thomaz 1950 *história do Futebol Brasileiro* (São Paulo: Edições Leia).
- Melani, Ricardo 1999 "Futebol e Razão Utilitária", em *Futebol: espetáculo do século* (São Paulo: Musa).
- Morin, Edgar 1986 *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. (Rio de Janeiro: Universitária).
- Murad, Maurício 1996 *Dos pés à cabeça: - elementos básicos de Sociologia do Futebol* (Rio de Janeiro: Irradiação Cultural).
- Murphy, Patrick; Williams, John & Dunning, Eric 1994 *O Futebol no banco dos réus: violência dos espectadores num desporto em mudança* (Oeiras/Portugal: Celta Editora).
- Ortiz, Renato 1983 "Gostos de classe e Estilos de Vida", em *Bourdieu: Coleção Grandes Cientistas Sociais* (São Paulo: Ática).
- Pimenta, Carlos Alberto Máximo 1996 "A Complexidade das Relações Societárias e os Novos Sujeitos: a violência como ponto de partida", em *Revista Ciências Humanas* (Taubaté), vol 2, nº 1.
- Pimenta, Carlos Alberto Máximo 1997 *Torcidas Organizadas de Futebol: violência e auto-afirmação, aspectos da construção das novas relações sociais* (Taubaté: Vogal Editora).
- Pimenta, Carlos Alberto Máximo 1998 "Torcidas Organizadas de Futebol: mimese do despotismo militar", em *Revista Ciências Humanas* (Taubaté), vol 4, nº 1/2.
- Pimenta, Carlos Alberto Máximo 1999 "As transformações na estrutura do futebol brasileiro: o fim das Torcidas Organizadas nos estádios de futebol", em *Futebol: espetáculo do Século* (São Paulo: Musa).
- Pouillart, G. 1987 *Las Activités physiques et sportives: enseigner, animer, entraîner* (Paris: Éditions Amphora).

- Ramos, Roberto 1984 *Futebol: Ideologia do poder* (Petrópolis: Vozes).
- Rodrigues, Nelson 1994 *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol* (São Paulo: Companhia das Letras).
- Rodrigues, Nelson 1993 *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol* (São Paulo: Companhia das Letras).
- Rosenfeld, Anatol 1993 *Negro, Macumba e Futebol* (São Paulo: Perspectiva-EDUSP-Editora da Universidade Estadual de Campinas).
- Santos, Joel Rufino dos 1981 *História política do futebol brasileiro* (São Paulo: Brasiliense).
- Santos, Marco Antonio S. 1999 “Periferia e várzea um espaço de sociabilidade”, em *Futebol: espetáculo do século* (São Paulo: Musa).
- Silva, Elisabeth Muriel da 1996 *As ‘Torcidas Organizadas de Futebol’: Violência e Espectáculo nos Estádios* (São Paulo: Dissertação de ME - PUC/SP).
- Strasser, Carlos 1999 *Democracia & Desigualdad: sobre la “democracia real” a fines del siglo XX* (Buenos Aires: CLACSO/ASDI).
- Toledo, Luiz Henrique de 1994 “Transgressão e violência entre torcedores de futebol”, em *Dossiê Futebol* (São Paulo), nº 22.
- Toledo, Luiz Henrique de 1996 *Torcidas Organizadas de Futebol* (Campinas: Editora Autores Associados/ANPOCS).
- Verdú, Vicente 1980 *El Fútbol: Mitos, Ritos y Símbolos* (Madrid: Alianza Editorial).
- Wacquant, Loïc J.D. 1997 “Da América como o Averso da Utopia”, em *Cultura e Subjetividade: saberes Nômades* (São Paulo: Papyrus Editora).
- Weffort, Francisco 1992 *Qual Democracia?* (São Paulo: Cia. Das Letras).

Filmes

- Giorgetti, Ugo 1998 *Boleiros* (São Paulo: Secretaria do Estado da Cultura do Estado de São Paulo – TV Cultura).
- Fontes, Arthur & Salles, João Moreira 1998 *Futebol* (Rio de Janeiro: GNT).

Notas

1. A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no mês de outubro de 1999, realizou seminário denominado *Futebol: Espectáculo do Século*, em

que se discutiu, entre outros assuntos, o tema *Futebol Empresa* e apontou-se para os novos rumos do esporte: os lucros e negócios.

2. A academia brasileira tem de forma esparsa e tímida, porém eficaz, promovido investigações científicas acerca do futebol e das mudanças em sua estrutura. No levantamento dessas investigações pode-se perceber que nos discursos temáticos aflora-se, de uma forma ou de outra, no caso do futebol, à dinâmica esporte e sociedade. Digo que o debate sobre futebol e suas transformações estruturais não é inédito. O que é inédito, sem sombra de dúvida, é a tendência da constituição de núcleos de investigação e da perspectiva de compreensão da sociedade através da leitura da Instituição Futebol.

3. O presente artigo (ensaio) não tem a pretensão de ser considerado como acabado e verdadeiro, pois trata-se de investigação inicial, cujos dados ainda estão em fase de coleta e análise. Porém, as argumentações exaradas no transcurso desse texto são reflexos das informações levantadas em campo.

4. A Democracia tem sido uma das grandes preocupações das Ciências Sociais na América Latina. Nos textos de Francisco Weffort (1992) *Qual Democracia?* (São Paulo: Cia. Das Letras) e de Carlos Strasser (1999) *Democracia & Desigualdad: sobre la "democracia real" a fines del siglo XX* (Buenos Aires: CLACSO/ASDI) pode-se ter uma grande idéia das subjetividades e violências de nossos "tempos democráticos liberais".

5. Trata-se, o presente texto, de um aspecto da investigação que venho desenvolvendo junto ao Programa de Pós-graduação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sobre o fenômeno das "Escolinhas de Futebol", os sonhos e as ilusões no imaginário da juventude."

6. O São Paulo Futebol Clube é um dos maiores clubes do Brasil, sendo bicampeão interclubes (mundial) nos anos 90-/91, contando, atualmente, com 12 milhões de torcedores.

7. O filme "Boleiros" de Ugo Giorgetti resume-se em produção cinematográfica, envolvendo ex-jogadores de futebol ou desportistas que se reúnem num bar para relembrar "casos" do futebol. Do minuto 27 a 37 do filme, aproximadamente, os desportistas fazem pequena referência à modernização do futebol no Brasil e tomam como exemplo as "escolinhas". Cabe informar que toda vez que for mencionado no texto o filme *Boleiros* refere-se a análise realizada do minuto 27 a 37 do filme.

8. A empresa de televisão brasileira GNT produziu sob a direção de Arthur Fontes e João Moreira Salles o programa de vídeo denominado "Futebol". Trata-se de uma série de três programas e pela narrativa de futuros, atuais e ex-jogadores de futebol vai se constituindo/construindo uma teia de relações complexas, instigantes e comoventes. Nossa atenção prende-se ao denomina-

do “Programa I” que mostra a busca de jovens ao sonho do profissionalismo. Cabe informar que toda vez que for mencionado no texto o filme *Futebol* refere-se a análise realizada do “Programa I” da série.

9. A literatura sobre história do futebol brasileiro (Thomaz Mazzoni e outros) e posteriormente as obras de Ciências Sociais levantadas, devidamente referidas na bibliografia desse artigo, indicam que o futebol foi introduzido no Brasil em 1894, através do filho de britânicos Charles Miller que estudou na Europa e que o “esporte bretão” entra na nossa cultura proliferando entre as massas populares, recebendo características próprias e universais.

10. As obras de Mário Filho, Janet Lever e os filmes “Futebol” e “Boleiros” (se constam nesta) mostram muito bem como são selecionados os iniciantes ao jogo de bola.

11. Ver Mário Filho *Op. Cit.* e Thomaz Mazzoni (1950) *História do Futebol Brasileiro* (São Paulo: Edições Leia).

12. A título de exemplo, no auge da repressão militar, o Estado determina as formas de organização e execução dos caminhos a serem seguidos pelos Clubes, Federações e Confederações de futebol. O Presidente da República, General Emílio Garrastazu Médici, em 1969, cria, juntamente com empresários, a declamada “Loteria Esportiva Nacional” na intenção de produzir receitas para financiar programas de governo e o esporte. Ver as obras de Janet Lever e Joel Rufino dos Santos que se constam nesta.

13. A década de oitenta foi um período em que ocorreu esvaziamento dos estádios de futebol, pela baixa qualidade dos jogos, campeonatos deficitários e desorganizados, entre outros problemas colocando em “xeque” a postura protecionista do Estado Militar, abrindo cada vez mais espaços ao debate sobre a necessidade da profissionalização da estrutura administrativa do futebol no Brasil. Ver: Ronaldo Helal (1994: pp. 61/70; 1997).

14. “Modernização”, aqui, é entendida como momento de transição da administração dos clubes e federações de futebol, de amadoras para profissionais e empresariais, sem, no entanto, adentrarmos nas discussões travadas nas Ciências Sociais sobre “modernidade” e “pós-modernidade”.

15. O *Estado-futebol* pode ser entendido como instituições amadoras subvencionadas pelo Estado, em tese, sem fins lucrativos que compreende o período de 1930 a 1988, aproximadamente.

16. Não se nega aqui que em outros tempos (1930, 1950, 1970, por exemplo) o futebol não sofria influência do capitalismo. Pelo contrário, o futebol só se difundiu no Brasil face ao processo de industrialização. Os marxistas, desde outrora, alertavam que “la influencia del capitalismo sobre el deporte es evidente, ello no significa necesariamente que, en su esencia, el deporte sea um

simple elemento del proceso de producción capitalista, un modo de relación específico de este sistema.” (Berthaud & Brohm, 1978: p. 8).

17. Mário Sérgio foi um grande jogador de futebol brasileiro que atuou no São Paulo Futebol Clube, no Grêmio de Futebol Portoalegrense e outras equipes. Ficou famoso, quando jogador, e recebeu o apelido de “Pistoleiro”, quando numa partida de futebol entre o Esporte Clube São José e o São Paulo Futebol Clube viu-se obrigado a sacar sua arma de fogo e atirar em torcedores revoltados contra a má atuação de seu clube.

18. Não se trata de uma afirmação prematura, embora merece maior aprofundamento e comprovação empírica, porém não se nega que vivemos num momento de empresariamento do lazer e do ócio e em breve poderá ocorrer o cerceamento das classes populares ao processo de formação do atleta profissional de futebol.

19. Toda vez no texto que contiver o termo “pesquisa piloto”, trata-se das entrevistas e questionamentos realizados junto aos alunos da “escolinha” do São Paulo Futebol Clube, franquia Taubaté, realizada em dezembro 1999.

20. Fonte: pesquisa piloto.

21. A várzea é, sem sombra de dúvida, a primeira forma de surgimento de atletas de futebol profissional e a restrição dos espaços de prática de futebol amador traduz-se em especulação imobiliária e em reflexo direto da urbanização desarticulada e acelerada, impulsionadas no período dos governos militares. O trabalho de investigação promovido por Marco Antonio S. Santos (1999: pp. 117-118) demarca as relações futebol, periferia e várzea.

22. “Peneiras” são os processos seletivos de meninos que procuram os clubes para realização de testes, cujo objetivo é escolher os que se destacam ou despontam como prováveis jogadores de futebol. Normalmente, a título de exemplo do grau de dificuldade da escolha, numa peneira de 1.000 interessados seleciona-se 1 ou 2 e muitas vezes nenhum.

23. Óbvio que essa interpretação não é a única possível, face às contradições e complexidades em jogo, mas é plausível tal assertiva, diante da enorme movimentação de capital, entre negociações e investimentos, em torno do futebol.

24. Fonte: pesquisa piloto.

25. Inúmeros pesquisadores vem trabalhando a questão do esvaziamento de *consciencia crítica dos novos sujeitos sociais*. Ver Pimenta, Carlos Alberto Máximo (1996) “A Complexidade das Relações Societárias e os Novos Sujeitos: a violência como ponto de partida”, em *Revista Ciências Humanas* (Taubaté), vol 2, nº 1.

26. O filme “Boleiros”, de Hugo Giorgetti, mostra muito bem a afirmativa do texto.

27. Fonte: *Jornal do Futebol*, Julho 1994: p 01. A presente pesquisa consta na obra de Carlos Alberto Máximo Pimenta (1997) *op. cit.*.

28. As obras de Mário Filho (1964) e Janet Lever (1983) abordam a temática da mobilidade social aos negros, mestiços e brancos pobres, porém não era objeto de análise das referidas obras a problemática da violência subjetiva e objetiva no processo.

29. Os dados utilizados foram obtidos em pesquisa de campo realizada em 1994. Ver Carlos Alberto Máximo Pimenta (1997) *op. cit.*, p. 55.

30. Fonte: pesquisa piloto.